

Relações Sociais e familiares – tradição e modernidade

Liora Mandelbaum

Nº USP: 4177843

Período: Noturno

Ao longo dessas primeiras semanas da disciplina “Formas, Estados e Processos de Cultura na Atualidade”, tivemos a oportunidade de analisar, através da leitura de textos e vídeos que assistimos, a transformação de processos sociais e culturais na atualidade, tanto considerando tanto o cenário latino-americano, como americano e europeu.

Apesar do enfoque regional de alguns textos e filmes, é interessante pensar que, considerando certas diferenças locais, esses processos apresentam certa padronização. Ou seja, quando, por exemplo, discutimos o processo de modernização na Argentina, percebemos diversas semelhanças com o que ocorreu em outros países ao longo do final do século XIX e XX e que se estende até hoje.

Primeiramente, vale contextualizar aquilo que estamos chamando aqui de processos de modernização: São processos que tiveram início na Europa no século XIX, principalmente a partir da crise da monarquia e da Igreja Católica, que acabou culminando e acentuando-se com a Revolução Industrial: os velhos poderes já não tinham mais pleno controle, havia uma nova força no poder, a burguesia, com interesses e objetivos distintos.

Esse novo processo levou a uma intensa migração dos campos para a cidade e o estabelecimento de novos modos de vida, de uma nova ordem social. O tradicional, centrado na família e na comunidade, foi sendo substituído por uma sociedade cada vez mais individualista, com novos valores e modos de vida. Emerge-se um novo cenário, centrado em duas classes – Burguesia e Proletariado, que compreendem em si e na sua relação uma enorme contradição, são antagônicas ao mesmo tempo em que são complementares.

Esses processos de modernização não foram e não são tranquilos. Sendo necessário estar sempre estudando esses fenômenos para

conseguirmos compreendê-los: eles implicam em profundas e constantes transformações políticas, econômicas e sociais.

Nessa tentativa de dar conta desse mundo social que está em constante transformação, diversos autores se propuseram a estudar e a refletir sobre esses fenômenos, não apenas buscando explicações, mas também sentidos para esses processos. O interessante quando assistimos diferentes filmes e/ou lemos diferentes textos sobre esse assunto é que podemos captar distintas visões e opiniões sobre: há aqueles que são mais críticos, os mais otimistas, aqueles que são mais descritivos, etc..

Considerando o bloco de textos lidos, acho interessante começarmos discutindo brevemente os textos de Marshall Berman – “**Introdução: Modernidade – ontem, hoje e amanhã**”. In: **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade** e o de Nicolau Sevecenko – “**Introdução**”. In: **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**.

Apesar de o primeiro autor ser mais detalhista, descrevendo os processos sociais, políticos e econômicos que levaram em direção à modernização, há semelhança entre os autores, no sentido em que ambos traçam uma periodização da modernização, ou seja, ressaltam a importância de não considerarmos o processo como algo único, mas sim que, apesar de ser um contínuo, ele pode ser dividido em etapas, percebendo-se certas similaridades e marcos constantes de cada uma.

Nesse sentido, é bastante interessante refletirmos sobre a metáfora proposta pelo Prof. Nicolau que sugere analisarmos esse processo a partir do trajeto da montanha russa: desde a entrada no brinquedo, ou seja, o processo de decisão envolvido em entrar ou não, até o momento no qual os carrinhos começam a acelerar, ganhando velocidade, e o auge do trajeto, ou seja, no *looping*, e o posterior momento em que o brinquedo vai perdendo força, até parar. É interessante pensar que no mundo social esse trajeto é contínuo, “os carrinhos nunca param”.

Enquanto esses autores acima citados tentam compreender o processo de modernização como um todo, sem focar muito em um país específico, Beatriz Sarlo, nos capítulos: “**Introdução**” e “**Buenos Aires, cidade moderna**”. In: **Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930**, assume uma postura distinta. Ela se dedica ao processo argentino,

com foco principal em Buenos Aires, no início do século XX. A cidade passava por um processo intenso de modernização, cada vez mais pessoas migravam do campo para a capital, além de imigrantes chegando de diferentes partes do mundo.

Além do desenvolvimento industrial, comercial e econômico, fez parte do desenvolvimento argentino uma intensa produção cultural e artística, que esteve associado a um processo de educação da população. Essa combinação fez surgir em Buenos Aires uma massa crítica, politicamente ativa e intelectualizada. É interessante pensar sobre a duração e efeitos que esse processo tem até hoje, ao mesmo em que é importante considerar quais foram às consequências da ditadura para a sociedade argentina como um todo.

Como brasileiros, vale refletirmos sobre as similaridades que há com o processo que ocorreu no Brasil nas décadas de 1950/ 1960 e que foi interrompido na época da ditadura militar.

Sobre o processo argentino, vale citar dois filmes que assistimos que traçam bem os processos da vida moderna: Medianeras, dirigido por Gustavo Taretto e lançado em 2011 e O Homem ao Lado, dirigido por Gastón Duprat e Mariano Cohn e lançado em 2009. Ambos os filmes têm por trás de histórias divertidas uma forte crítica social. Novamente, acho que vale ressaltar que, apesar do filme se passar em Buenos Aires, o cenário descrito se aproxima ao que se vê em outras grandes capitais.

Em Medianeras, o enredo está centrado em dois personagens jovens, de mais ou menos 30 anos, que vivem na região central de Buenos Aires. Ambos estão em constante conexão com outros através da internet, mas são solitários. Vivem em uma enorme cidade, trabalham, têm relacionamentos que podem ser passageiros ou mais duradores, cruzam com milhares de pessoas diariamente, mas se sentem vazios internamente, buscando constantemente formas de preencher esse vazio.

A cidade grande, apesar de todas as oportunidades que ela oferece, bem como o mundo da internet e da tecnologia, não dão conta de substituir as relações pessoais. O filme mostra pessoas solitárias, vivendo em apartamentos pequenos, com poucas relações sociais. É interessante notar que em momento algum do filme aparecem vidas familiares ou amigos.

Nesse sentido, o filme aborda temas centrais da atualidade em que vivemos: estamos conectados, mas sozinhos, vivemos em enormes cidades, mas vivemos em apartamentos pequenos, com pouco sol, com pouca área para socialização.

Além disso, o filme retrata os problemas urbanos de cidades grandes: um crescimento desenfreado, que vai gerando um caos sobre o qual é difícil ter algum controle e, inclusive, é difícil a locomoção, fazendo com que os diferentes grupos e classes sociais vivam cada vez mais em regiões demarcadas, com pouco contato com outras áreas da cidade: é uma espécie de guetos modernos.

No meio do filme há uma cena interessante, onde a atriz principal descreve sua paixão pelo livro “Procurando Wally”, narrando que haveria um cenário no livro onde, por mais que ela se esforçasse, ela nunca encontrava o Wally. Essa cena é retomada quando, no final do filme, ela olha para fora de sua janela e vê o ator principal do filme com um chapéu semelhante ao do Wally. Nesse momento ela achou o Wally que tanto buscava ao longo de sua vida.

É interessante notar que para “encontrar o Wally” ela teve de olhar para fora de seu mundo privado, olhar o espaço público, a rua e correr em direção ao exterior. Mesmo que durante o filme os atores tenham se relacionado pela internet, o encontro entre eles dificilmente teria ocorrido. Ou seja, para se encontrarem ela teve de tomar a iniciativa e sair. Nesse sentido, vale refletir sobre as relações que temos pela internet e outros meios de comunicação. Será que são suficientes, substituem as relações no mundo exterior? Ao que parece, tomando por base o filme, não.

Vale ressaltar, porém, que o diretor não faz uma crítica pura da tecnologia. Ele resalta também seus pontos positivos. Por exemplo, na última cena do filme, os protagonistas, agora já como casal aparecem em um vídeo do Youtube, produzido e atuado por eles, onde eles parecem se divertir intensamente. Ou seja, é a “velha ideia” em que sabendo usar e respeitando certos limites, no caso, não substituindo as relações pessoais, pode trazer enormes benefícios, por exemplo, sendo um espaço para construção de conhecimento, produção de material criativo, espaço para discussão, desenvolvimento tecnológico, entre tantos outros.

Uma interessante comparação a ser feita é com o filme Ela, dirigido por Spike Jonze, lançado em 2013, onde o tema das relações pessoais atualmente é ainda mais aprofundado, já que o protagonista desenvolve um relacionamento, se apaixona pela voz de uma personagem e desenvolve um relacionamento imaginário com ela. De certa maneira, é uma consequência psíquica da solidão, de relações reais vazias, da não criação de laços sociais mais profundos e permanentes. Ou seja, temos mais um filme abordando a solidão como consequência da modernidade e a busca da tecnologia, da internet, para tentar suprir esse vazio.

Ou seja, temos aqui mais um interessante paradoxo: a modernidade e, mais especificamente, a tecnologia, a internet, ao mesmo tempo em que geram um mundo de maior solidão, criam também ferramentas na tentativa de amenizar essa solidão.

Outro interessante filme para discutir a questão das relações sociais na modernidade é o filme O Homem ao Lado. O filme se centra na relação entre vizinhos. É importante considerarmos que, atualmente, os vizinhos pouco se conhecem e se relacionam mas, tempo atrás, a relação entre vizinhos, entre a comunidade cercana, era intensa e fazia parte da vida social.

No filme temos dois personagens centrais: um é um bem sucedido arquiteto, casado e com uma filha, que mora em uma casa completamente envidraçada, desenhada por Le Corbusier. O outro é um homem de bom coração, solitário, que vive em um pequeno apartamento, onde não entra luz.

A questão da entrada, ou melhor dizendo, da não entrada de luz, é o tema central do filme. Todo o enredo está centrado na discussão entre os vizinhos, onde aquele que vive no pequeno apartamento disputa com o arquiteto a possibilidade de abrir uma fresta em sua parede para que seja possível entrar um pouco de luz em sua casa.

Sem contar o final, acho interessante centrarmos a discussão em certos temas que o filme discute e que também fazem parte do mundo moderno. Por exemplo, a pouca consideração pelo próximo e o viver sempre buscando seus interesses pessoais. Tomemos como exemplo o arquiteto e sua esposa: eles vivem em uma casa inteira envidraçada, desenhada por um arquiteto com tendências socialistas, construída de modo

a que o espaço público e privado estejam relacionados. Naquela casa não falta luz. Porém, há o vizinho que vive em um pequeno e escuro apartamento, que quer abrir uma pequena fresta para que entre um pouco de luz. Mas, o que poderia ser algo tranquilo, se torna uma situação de tragédia, onde não há consideração alguma pelo outro, alegando-se que a pequena fresta causaria falta de privacidade e invasão de um espaço privado.

É interessante também que, apesar de nesse filme vermos uma relação familiar, ela é frágil. O filme retrata uma família de classe alta, com apenas uma filha adolescente, que prefere ficar em seu quarto, fechada com seu Ipod e celular, a estar com seus pais. Por outro lado, os pais também não sabem como se aproximar da filha. Do ponto de vista da relação conjugal, essa também é frágil, pouco próxima. O filme passa uma sensação de serem mundos distintos, pouco interligados, habitando um mesmo espaço. São quase como estranhos que moram sob um mesmo teto.

Se os dois filmes acima citados têm como característica serem filmes com histórias claras, com começo, meio e fim, muito diálogos, é interessante discutirmos o filme *Playtime*, dirigido por Jacques Tati, lançado em 1967. O filme está construído de uma maneira bastante distinta, no sentido em que ele ocorre quase que por inteiro em uma sala de baile, com poucos diálogos.

O filme é uma clara crítica ao modo de vida das classes mais altas na sociedade moderna: podemos entender o salão como sendo o espaço social da modernidade: as relações que se dão, a maneira como as pessoas se socializam, um frenesi por consumo, aparência, que ao mesmo tempo que gera uma enorme alegria, gera também destruição. Porém, os que estão felizes não percebem o perigo que correm, o salão vai se destruindo ao longo do filme e poucos, quase ninguém percebe. Além disso, há aqueles que são os excluídos, que não fazem parte da festa, mas que sem eles a festa não poderia ocorrer, no filme eles estão representados pelos garçons e alguns outros serviços.

O que vemos nesse filme é uma crítica muito direta do diretor em relação à sociedade moderna, a maneira como ela está estruturada, as relações de classe existentes. A sensação que temos ao ver o filme é de uma sociedade que está fadada ao fracasso, a tragédia. Mas, apesar dos sinais

serem claros, não percebemos. Ao contrário, o importante é viver em uma festa – consumo, felicidade momentânea, euforia, etc. - cada vez maior, dando pouca atenção às possíveis consequências desse processo. Há uma certa cegueira em relação ao entorno.

Localizando esse filme historicamente, ele foi filmado em uma época pós 2ª guerra, em um contexto da Guerra Fria, onde os países que saíram vitoriosos da guerra e que estavam alinhados ao eixo capitalista, viviam esse frenesi de consumo e festa. Mas que aos poucos, conforme foi chegando à década de 70, caminhava ao seu fim. A década de 1960 que começou como um período de exaltação, de fartura econômica, nos EUA havia o New Deal, na Europa outras políticas semelhantes, terminava diferente: a situação política era pouco estável, havia o temor de uma nova guerra nuclear, a guerra no Vietnã, etc..

Voltando ao texto de Marshal Berman acima citado, há um ponto bastante interessante, onde o autor discute que certos pensadores, como Marx e Nietzsche, que em suas épocas não eram vistos como modernos ou progressistas, posteriormente é possível ver em seus escritos uma linguagem revolucionária, moderna, mesmo que contrária a aquilo que os que eram tidos como modernos pensavam e defendiam. Nesse sentido, eles também poderiam ser encaixados nessas categorias, uma vez que defendiam ideias contrárias a ordem vigente.

A partir do debate levantado por Marshall percebemos a importância de que os processos sejam revistos posteriormente, por autores e pensadores de outros tempos, que podem viver a centenas de anos de distância dos autores sobre os quais escrevem. Isso dá aos contemporâneos à possibilidade de olhar com outros olhos e maneiras distintas para processos sociais, textos e ideias, dando a eles novos significados e explicações. E não apenas isso, mas as análises sobre um mesmo tema, por diferentes pensadores, com diferentes formas de olhar, como dito no início desse relato, dão outras visões e explicações.

Nesse ponto acho que vale compararmos dois filmes recentes, onde ambos trabalharam um mesmo tema – a escravidão nos Estados Unidos - , a partir de visões completamente distintas: Django Livre, dirigido por Quentin Tarantino, e 12 Anos de Escravidão, dirigido por Steve McQueen.

No filme de Tarantino temos a construção de uma personagem, Django, que assume o papel de herói-vingador, tornado-se, ao final do filme, uma figura mítica americana: uma mistura de caubói, com galã, com um que de cantores de rap negros americano e que fazem um enorme sucesso. É uma figura pós-moderna. Suas raízes e seu passado são quase que abandonados. No final do filme ele e sua amada saem em rumo a uma nova vida, tendo feito a justiça com suas próprias mãos.

O diretor utiliza uma série de recursos na construção da personagem e do próprio filme que são bastante interessantes. Por exemplo, o uso de acessórios e músicas que não fazem parte da época retrada no filme. Além disso, os personagens do filme dificilmente existiriam na realidade. Por exemplo: para fazer uma crítica aos brancos, há uma cena onde todos eles aparecem mascarados, mas ninguém consegue enxergar nada. Nesse momento o diálogo é completamente bizarro. Ou seja, apesar de percebermos por parte do autor uma crítica à escravidão, essa não se dá através da fidelidade histórica.

É interessante resaltar que, como todo bom filme do Tarantino, há um alto índice de cenas violentas e a vingança do oprimido se dá através do uso da violência.

Por outro lado, o filme de McQueen se atém muito mais a tentar ser o mais fidedigno possível, é um retrato da história da escravidão americana a partir da experiência de um indivíduo que vivia no Norte dos EUA como um homem livre e que foi vendido para trabalhar como escravo no Sul do país, onde ficou por 12 anos. Após ser liberto, ele escreveu sua história e essa foi publicada e, baseando-se nela, McQueen produziu o filme.

Diferentemente do filme de Tarantino, a violência não é criada a partir de cenas pouco prováveis, com armas de fogo e muito sangue. É uma violência diária, de humilhação. A linguagem, as roupas, a ambientação e as músicas também tentam, no máximo possível, estar em acordo com o período retratado.

No final do filme, o protagonista, Solomon Northon, é liberto e retorna a sua família. Diferentemente do primeiro filme, ele não retorna como herói. Ao contrário, ele está humilhado e perturbado. O que ele deixa é um legado, não apenas se mantendo fiel às suas origens, mas também fazendo questão de passar para as próximas gerações suas experiências

personais, com o intuito de que as pessoas saibam o que ocorreu durante a escravidão nos Estados Unidos. Podemos pensar que é esse também o objetivo de Steve McQueen ao lançar um filme como esse.

Em resumo, o que se tentou abordar nessa primeira sequência de aulas foi uma série de temas e assuntos que são centrais para refletirmos sobre a modernidade e aquilo que se chamou de pós-modernismo, sempre com o objetivo de compreender os processos sociais, políticos e econômicos envolvidos. Quando damos significado e compreendemos os processos, podemos também participar deles de maneira mais atuante e responsável.

BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Marshall. Introdução:Modernidade –Ontem, Hoje e Amanhã. In: Tudo o que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. P. 09 –49.

SARLO, Beatriz. Introdução.In: Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify. P. 21 –57.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução.In: A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P. 11 –22.

FILMOGRAFIA

PLAYTIME: Tempo de Diversão (Playtime). Direção de Jacques Tati. Joinville, 1967.

O HOMEM AO LADO (El Hombre de Al Lado). Direção de Mariano Cohn e Gastón Duprat. Roteiro por Andrés Duprat. Buenos Aires, 2009.

MEDIANERAS: Buenos Aires da Era do Amor Virtual (Medianeras). Direção e Roteiro por Gustavo Taretto. Buenos Aires, 2011.

ELA (Her). Direção de Spike Jonze. Estados Unidos, 2013.

12 ANOS DE ESCRAVIDÃO (12 Years a Slave). Direção de Steve McQueen. Canadá, Estados Unidos, 2013.

DJANGO LIVRE (Django Unchained). Direção de Quentin Tarantino. Canadá, Estados Unidos, 2012.